

MANIFESTAÇÕES SOCIAIS E MÍDIA NA COPA DAS CONFEDERAÇÕES 2013: ESTUDO COM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM FORMAÇÃO INICIAL

SOCIAL EVENTS AND MEDIA IN THE 2013 CONFEDERATIONS CUP: A STUDY OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS IN INITIAL TRAINING.

EVENTOS SOCIALES Y MEDIOS DE COMUNICACIÓN EN LA COPA FIFA CONFEDERACIONES 2013: ESTUDIO CON PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN SU FORMACIÓN INICIAL

Silvan Menezes dos Santos*, Giovani De Lorenzi Pires**

Palavras-chave

Esportes.
Docentes.
Mídias sociais.
Futebol.

Resumo: O objetivo foi investigar de que maneira os professores de Educação Física em formação inicial atribuem significado ao discurso midiático-esportivo sobre megaeventos no âmbito da convergência digital. Um estudo observacional-descritivo, de inspiração etnográfica, com abordagem qualitativa. No cenário online da pesquisa, acompanhamos a página pessoal de cinco estudantes de Educação Física no Facebook. No cenário offline, foi realizada uma entrevista coletiva semiestruturada com os estudantes. Identificamos que, mesmo com compreensões críticas sobre o discurso midiático, faltou aos interlocutores a compreensão ampliada do fenômeno esportivo e das manifestações sociais relacionando-as com outras instâncias sociais, sobretudo com o próprio campo acadêmico e profissional.

Keywords

Sports.
Faculty.
Social media.
Soccer.

Abstract: The objective was to investigate the ways in which Physical Education teachers under initial training ascribe meaning to the media-sport discourse on mega events within digital convergence. This is an ethnographic, observational and descriptive study with a qualitative approach. In the online scenario of this research, we followed the Facebook profile of five Physical Education students. In the offline scenario, a semi-structured group interview conference was held with them. We found that even critically understanding the media discourse, the interlocutors' lacked a broader understanding of the phenomenon of sports and social events, relating them to other social spaces, especially with their academic and professional field.

Palabras clave

Deportes.
Docentes.
Medios de comunicación sociales.
Fútbol.

Resumen: El objetivo fue investigar las formas en que los profesores de Educación Física en formación inicial atribuyen significado al discurso mediático deportivo sobre megaeventos en el ámbito de la convergencia digital. Un estudio observacional descriptivo de inspiración etnográfica, con un enfoque cualitativo. En el escenario online de investigación, seguimos la página personal de cinco estudiantes de Educación Física en Facebook. En el escenario offline, fue realizada una entrevista colectiva semiestruturada con los estudiantes. Encontramos que incluso con entendimientos críticos sobre los discursos mediáticos, faltó a los interlocutores la comprensión más amplia del fenómeno deportivo y de las manifestaciones sociales, relacionándolos con otras instancias sociales, especialmente con el mismo campo académico y profesional.

* Universidade Federal do Paraná.
Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: bammenezes90@gmail.com.

** Universidade Federal de Santa Catarina.
Florianópolis, SC, Brasil.
E-mail: delorenzi57@gmail.com

Recebido em: 26-02-2015
Aprovado em: 21-09-2015



1 INTRODUÇÃO

“O futebol é o ópio do povo”; “A seleção brasileira aliena a nação”. Esses são jargões que se convencionou usar quando entra em discussão a relação entre o futebol, a seleção, a Copa do Mundo e o povo brasileiro. A forma como a população do país se organiza, se movimenta e reage, a cada quatro anos, durante os trinta dias de Copa do Mundo de futebol é um fenômeno que tem provocado o surgimento de diversas hipóteses tanto no plano do senso comum como no âmbito acadêmico-científico.

Para os mais céticos com relação à capacidade intelectual e política do povo brasileiro, esses períodos de um mês, que se repetem a cada quatro anos com a realização dos mundiais de futebol, anestesiam a nação. Acreditam que a cada atuação da seleção verde-amarelo em Copas do Mundo os brasileiros se desvinculam de qualquer ação racional com relação à sociedade e ao país, para se concentrar apenas na sua paixão pelo futebol. Nessa perspectiva, estes seriam momentos em que as diferenças sociais do país anular-se-iam, os conflitos político-econômicos seriam esquecidos e a população unificar-se-ia em um só sentimento pelo mesmo objetivo. Uma relação de identidade com o futebol entendida como massificadora da sociedade e um nacionalismo em torno da modalidade que homogeneiza a torcida brasileira, torcendo pela seleção em frente ao televisor.

Em contraponto, há um entendimento mais ponderado, que relativiza essa relação do brasileiro com a seleção de futebol. Nessa perspectiva, entende-se que o envolvimento do povo com a seleção é, sim, passional, entretanto, a dimensão racional do posicionamento político e do exercício da cidadania não se desprende nesses momentos de torcida pelas conquistas em mundiais. Bitencourt (2009, p. 181), ao estudar os ritos da nação, segue essa linha quando afirma que “é na seleção brasileira de futebol que nosso pensamento sobre nós mesmos é levado ao extremo. É esse o espaço no qual nossa identidade vai ser debatida, inventada e construída. A seleção é a representação de nossas representações sobre nós mesmos”. O autor complementa afirmando que

[...] nesse jogo, cujo rendimento produz o orgulho nacional e o sentimento de pertença e a derrota a amarga revanche pela expulsão dos nossos, os brasileiros pensam-se como povo, como ‘raça’ (mas pensam também sua economia, sua política) e traçam o seu destino pela bola (BITENCOURT, 2009, p. 186).

Diante dessa dualidade de interpretações acerca da relação nacional com o futebol e a seleção brasileira, faz-se necessário considerar a importância do papel exercido pela mídia na construção desses símbolos e significados culturais compartilhados pelo povo brasileiro com o esporte, com o futebol e, em especial, com a sua seleção. Nesse sentido, seguimos a compreensão de Pires (2002, p. 42) sobre “cultura esportiva”, que a define como “o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa”.

Entretanto, é válido ressaltar que, apesar dessa predominância do discurso midiático na incorporação dos símbolos do fenômeno esportivo, já existem estudos na própria Educação Física que indicam a capacidade autônoma dos sujeitos em resignificar os discursos sobre

o esporte que se constituem através da mídia, por exemplo: Antunes (2007) e Lisboa (2007) desenvolveram “estudos de recepção”¹ durante a Copa de 2006; Mezzaroba (2008) analisou a recepção de escolares ao discurso midiático-esportivo sobre os Jogos Pan-Americanos Rio 2007; Silva e Daolio (2009) e Costa e Leiro (2010) realizaram as suas pesquisas na educação básica. De maneira geral, em síntese, esses estudos indicaram que não necessariamente os significados atribuídos pelos sujeitos ao discurso midiático correspondem diretamente ao enunciado veiculado pelos meios de comunicação de massa.

Visto isso, torna-se evidente que a Educação Física é importante interlocutor sociocultural dos modos como podem se estabelecer essas relações entre sociedade, futebol, seleção brasileira e Copa do Mundo frente ao discurso da mídia. Compreende-se que os professores da área são os principais responsáveis pela mediação dessa interlocução e são aqueles que podem, através do processo educativo, reforçar nos sujeitos uma ação social passional e alienada com o esporte, o futebol e a seleção, ou, ao contrário, podem formá-los cidadãos autônomos, conscientes dos seus direitos e deveres, mas ainda assim apaixonados por esporte, futebol e seleção brasileira.

Além desse fator, neste estudo, levamos em consideração o fato de estarmos vivendo um novo momento comunicacional de formação de uma cultura de convergência digital (JENKINS, 2009), que permite aos sujeitos não só consumir o discurso midiático-esportivo, mas também produzi-lo e compartilhá-lo. Uma mudança que atinge não só as tecnologias de informação e comunicação (TICs), como as televisões digitais, os *smartphones*, os *tablets*, os *ultrabooks*, etc., mas que também provoca um processo de transformação do paradigma da comunicação. Processo comunicativo que até então se configurava como uma relação unidirecional em que um falava para todos (televisão, jornal, rádio) e que temos agora um relacionamento multidirecional em que todos falam para todos (*blogs*, redes sociais).

Para seguir a linha dos estudos de recepção supracitados, selecionamos o contexto da realização da Copa das Confederações em 2013 e definimos como objetivo do estudo investigar de que maneiras professores de Educação Física em formação inicial atribuem significado ao discurso midiático-esportivo sobre megaeventos no âmbito da convergência digital.

2 CONTEXTO E PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

As manifestações sociais de rua ganharam proporções nacionais como não se via há mais de 20 anos no país (desde os *Caras Pintadas*², em 1992). As “Jornadas de Junho”³ (um dos modos como se convencionou chamar esse período de protestos) começaram ainda no início do mês em algumas capitais do país, organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento das tarifas do transporte público.

1 Para Jacks, “[...] a recepção não se dá apenas durante a audiência de TV. Começa bem antes e termina bem depois, fundindo-se com as práticas cotidianas dos receptores, ação na qual ganha sentido e significado, ou não, através da negociação com os significados propostos pela família, escola, religião, partido político, empresa, etc.” (JACKS, 1999, p. 57).

2 Em 1992, o movimento estudantil brasileiro foi às ruas pedir o *impeachment* do então presidente Fernando Collor, que era acusado por corrupção e fraude aos cofres públicos, além de estar desenvolvendo medidas econômicas impopulares naquele momento. A mobilização ficou conhecida por *Caras Pintadas* pelo fato dos jovens terem ocupado as ruas de todo o país com os rostos pintados de verde e amarelo, se tornando um dos principais símbolos daquelas manifestações populares.

3 A denominação “Jornadas de Junho” foi o modo como se convencionou chamar o conjunto de manifestações populares que aconteceram durante quase todo o mês de junho de 2013, constituindo uma jornada de eventos reivindicatórios por todo o país. As mobilizações iniciaram com a pauta do Movimento Passe Livre em algumas capitais, mas logo se expandiu, levando milhares de brasileiros às ruas por uma pauta mais ampla que reivindicou melhorias no atendimento aos direitos dos cidadãos, contra a corrupção e, inclusive, contra os gastos excessivos com os megaeventos esportivos no país.

Até o dia 10 de junho as manifestações nas ruas dessas capitais (Florianópolis, Goiânia, Natal, Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo) eram apenas movimentos de estudantes que reivindicavam um transporte público de qualidade e gratuito. Entretanto, após essa data, a truculência policial na tentativa de reprimir e controlar os protestos repercutiu nas redes sociais com a divulgação de imagens. Desde então a indignação social se espalhou pelas vias de comunicação da *internet* (*Twitter*, *Facebook*, *YouTube*) e ganhou proporção nacional principalmente por parte dos jovens, que foram às ruas protestar.

A partir desse momento, ainda ligado a ferimentos de alguns jornalistas de grandes empresas de comunicação da mídia nacional e acompanhado do início da Copa das Confederações, as pessoas revoltadas passaram a tomar as ruas do país, não só nas capitais, e movimentos sociais das mais diversas causas se uniram para reivindicar democracia e direitos dos cidadãos. Ato de protesto começaram a ser agendados pelas redes sociais e a acontecerem diariamente, inclusive em cidades de outros países onde moravam brasileiros.

As manifestações, que iniciaram com a pauta específica do transporte público, logo que se nacionalizaram, passaram a incluir outras causas aos gritos de reivindicação. Desde pedidos genéricos pelo fim da corrupção, pela melhoria dos serviços públicos como saúde, educação, segurança e transporte, até questões específicas, como a revogação de projetos de leis que estavam em tramitação no poder legislativo (PEC 37 e a “Cura Gay”). Não diferente, inclusive motivados pelo início do evento teste da FIFA (a Copa das Confederações), os protestos também incluíram os gastos públicos e a remoção das famílias para as obras de realização dos megaeventos na pauta das manifestações.

Nesse sentido, destacam-se a importância social e política dessas manifestações nas ruas de todo o país e a concomitância desses protestos com a Copa das Confederações, que constituiu o pano de fundo do projeto de investigação deste estudo; como também a interferência que os primeiros tiveram na realização do segundo, alterando, sobretudo, o foco e a abordagem da agenda social e midiática do espetáculo esportivo. Todo esse contexto descrito, em paralelo com o protagonismo que as redes sociais tiveram nessas mobilizações, principalmente o *Facebook* (espaço de investigação do presente estudo), resolvemos englobar nos dados “construídos” durante a pesquisa a pauta das manifestações sociais das Jornadas de Junho de 2013.

Esta pesquisa se caracterizou como um **estudo observacional-descritivo, de inspiração etnográfica⁴, com uma abordagem qualitativa dos dados produzidos para análise**. A pesquisa aconteceu em duas etapas distintas. A primeira etapa foi uma investigação *online* e a segunda, *offline*, sendo válido deixar claro que foram momentos investigativos e técnicas metodológicas complementares que não assumiram a compreensão dicotômica entre contextos virtuais e reais, ou *online* e *offline*.

No primeiro momento, denominado como **cenário online** de investigação, o estudo se inspirou na netnografia⁵. Foram acompanhadas as páginas pessoais de cinco professores em formação inicial no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal

4 “[...] aqueles que não o utilizam [a etnografia] como metodologia, mas apenas como narrativa ou que se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa mas não chegam a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise de dados” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 168).

5 Frente à diversidade de terminologias que a perspectiva etnográfica de pesquisa na *internet* ganhou nos últimos tempos, como etnografia virtual para uns, digital para outros, webnografia, ciberantropologia, optamos nesta pesquisa pela denominação netnografia. Basicamente, ela diferencia-se das primeiras citadas por adotar a metodologia e as práticas sociais de uma maneira integrada às possibilidades que a *internet* proporciona de consumo, de compartilhamento e de produção na rede (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

de Santa Catarina que aceitaram contribuir com o estudo de maneira voluntária após serem selecionados a partir de convite enviado para as turmas de graduação do Centro de Desportos da referida universidade. O principal critério de inclusão foi que os sujeitos tivessem e fizessem uso de conta na rede social *Facebook*.

Durante o período de 12 de junho a 31 de julho de 2013, por 50 dias seguidos, foram recolhidas informações disponíveis no perfil do *Facebook* dos sujeitos da pesquisa. Como *corpus* de análise, foram salvos todos os tipos de interação realizados por eles na plataforma (postagens, compartilhamentos, comentários), que tivessem conteúdo relacionado ao recorte que fizemos do nosso objeto de estudo, os Megaeventos Esportivos, representados pela Copa das Confederações, e as Manifestações Sociais.

A delimitação do período de acompanhamento do perfil dos sujeitos na rede social foi definida de acordo com as datas de realização da Copa das Confederações no Brasil (15 a 30 de junho). O intuito deste recorte temporal foi de acompanhar a discussão dos sujeitos sobre o megaevento esportivo durante e nos 30 dias após a realização dele para ter uma visão da repercussão momentânea e posterior do objeto estudado.

Como sequência da atividade investigativa da pesquisa, desenvolvemos o **cenário offline** do estudo como abordagem complementar e problematizadora da observação inicial dos sujeitos no ambiente *online*. Esse segundo cenário se constituiu como estratégia para aprofundar os significados determinados pelos sujeitos ao tema central da pesquisa, o fenômeno esportivo e os megaeventos como faces da cultura esportiva contemporânea, além da discussão das manifestações sociais. Assim, após o término do cenário *online*, foi realizada uma **entrevista coletiva semiestruturada** a partir de apontamentos suscitados pela netnografia.

Para a interpretação dos dados produzidos na pesquisa, foi utilizado o método de “análise de conteúdo” (BARDIN, 2009) e a “análise de conteúdo temática”, uma variação proposta por Minayo (2006). Conforme Minayo, na análise de conteúdo temática as categorias podem ser teóricas ou empíricas. Neste caso, foram elencados dois temas relacionados ao objeto de estudo, advindos, respectivamente, do quadro teórico de referência e do contexto de realização da investigação: 1) *Megaeventos Esportivos*; 2) *Manifestações Sociais*. A partir disso, de acordo com as orientações metodológicas para os procedimentos de leitura, organização, análise e interpretação dos dados, foram criadas unidades de registro com os achados da pesquisa.

Neste artigo, concentraremos nossos esforços em apresentar a categoria temática das Manifestações Sociais. Entendemos que esta é uma discussão singular para o país, pois envolve e está diretamente ligada ao contexto esportivo da década de megaeventos.

3 MANIFESTAÇÕES SOCIAIS: A BATALHA DA MÍDIA, AS REDES SOCIAIS, A CIDADANIA... E A EDUCAÇÃO FÍSICA?

As manifestações sociais de 2013 e a realização dos megaeventos no Brasil passaram a ter uma relação, até certo ponto, imbricada uma na outra, na qual ambas pareceram prestar serviços involuntários de divulgação, amplitude e valorização recíproca entre elas, ainda que com “sinais contrários” no que diz respeito aos interesses em confronto. De certa maneira,

pode-se perceber uma apropriação social dos holofotes do espetáculo midiático em prol dos interesses públicos emergentes naquele momento da Copa das Confederações e, da mesma forma, a tomada de assalto, pela mídia, dos movimentos sociais que eclodiam, transformando em espetáculo as cenas de conflito que se apresentavam nas ruas de todo o país.

Considerados os últimos 20 anos da história política e social do Brasil, a geração nascida a partir do século XXI não havia vivido pessoalmente, até então, nenhuma mobilização de multidões ou manifestação social em grande escala no país. Assim, quando solicitamos aos jovens participantes da pesquisa para fazerem uma análise dos fatos ocorridos durante o mês de junho de 2013, principalmente do paralelo existente entre a Copa das Confederações e as manifestações nas cidades, eles mostraram-se bastante entusiasmados com a novidade dos sentimentos que experimentaram com o clamor do povo nas ruas, mas também demonstraram perspicácia crítica na tentativa de interpretar um fenômeno que eles ainda não tinham vivenciado.

Os interlocutores da pesquisa apresentaram avaliações e percepções com o devido cuidado para não serem traídos pelas diferentes posições adotadas pelo discurso da mídia durante os dias de tensão e incerteza social por todo o país.

Ronaldo⁶: [...] foi uma coisa que dividiu a atenção do mundo que tava acompanhando a Copa das Confederações, entendeu? Que nem antes o auge era para ser a Copa das Confederações, mas já no primeiro dia, a abertura aconteceu o que aconteceu e durante toda a competição, então desfocou um pouco a Copa das Confederações. [...] Tanto que nos próprios jogos os narradores na Globo falavam sempre os números de manifestantes que tinham e aí tu ia ver em outra revista era bem maior o número, mas eu acho que desfocou, sabe, ficou dividido, por isso que eu acho que foi até melhor para a manifestação, sabe, encorpoou mais, teve mais importância.

Kauê: Aí eu acho que a mídia teve um papel fundamental, porque se tu for ver no início... quando se iniciou mesmo esse processo, tem até um discurso do Arnaldo Jabor 'malhando o pau' nos manifestantes e dois dias depois quando a mídia viu que tomou o corpo que tomou, acho que muito pela influência das redes sociais, ele mudou totalmente o discurso e a Globo, a mídia em geral, não só a Globo, mudou o discurso sobre as manifestações, daí levando sempre aquele caráter nacionalizante do 'verde-amarelo', os 'sem partido', [...] mas eu acho que a mídia mudando esse discurso tão rapidamente é de se fazer uma análise retrógrada que acho que como ela serviu para apoiar o povo para ir pra rua, mas tem que ver a quem que ela tava servindo, porque que ela ia se posicionar daquela maneira, naquela conjuntura.

As afirmações de ambos os sujeitos da pesquisa trazem o indicativo de como eles dão agência à aparente passividade da ação de consumir os conteúdos midiáticos. Nos dois argumentos, baseados na referência da hegemonia da emissora Rede Globo, é possível perceber a atenção existente por parte dos estudantes acerca da cobertura interessada da indústria midiática sobre o fenômeno social das manifestações.

Ronaldo vai além disso e acredita que as manifestações deixaram turvas as lentes dos holofotes do espetáculo esportivo, no caso a Copa das Confederações, e se beneficiaram das dimensões mundiais que o evento de futebol da FIFA consegue ter, para aumentarem as suas proporções e as mobilizações em níveis nacionais e até internacionais.

6 Os nomes dos interlocutores da pesquisa apresentados no texto são os verdadeiros com a devida autorização através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme parecer do Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina número 301.480.

Kauê, não muito diferente, segue a mesma linha de análise da cobertura midiática, acreditando que a mídia colaborou para a disseminação e mobilização nacional das manifestações sociais pelas ruas do país, mas faz ressalvas para o cuidado que se deve ter ao depositar a confiança nesses tipos de veiculação da mídia que, normalmente, serve a interesses comerciais e políticos particulares.

As duas análises trazem à tona a estratégica e oportunista apropriação do tradicionalmente hegemônico (tele)espetáculo esportivo pelos reclames sociais de subversão e, em certa medida, de recusa ao produto institucional a ser consumido, os megaeventos esportivos.

Questões que contrariam aquilo que está previsto, inclusive, no desenho laboratorial do esquema da cultura de massas, no qual “mesmo quando o público se rebela contra a indústria cultural, essa rebelião é o resultado lógico do desamparo para o qual ela própria o educou” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 119). Os sujeitos da pesquisa, neste caso, demonstraram que não estão desacostumados à subjetividade como alertavam os autores na crítica à indústria cultural. Mais do que isso, a lucidez com que eles analisaram o trato da mídia às manifestações sociais nos traz elementos para pensar como é possível o espetáculo servir à cidadania, assim como de costume acontece no sentido inverso, quando o espetáculo se apropria dos bens públicos e transforma tudo em bens de consumo.

Não diferentes, interações promovidas pelos sujeitos da pesquisa no *Facebook* também ressaltaram o movimento da mídia na cobertura dos protestos pelas ruas do país. Diante da repressão e da violência utilizada pela polícia na tentativa de controlar os manifestantes e acabar enfraquecendo os manifestos populares que ganhavam a cada dia mais força desde o início do mês de junho, o compartilhamento realizado por Daniela (Figura 1 abaixo) com uma foto de manifestantes entregando flores aos policiais e com os escritos de que “*aí a televisão não mostra*” representa os indícios da indignação existente pela cobertura que a mídia vinha fazendo, criminalizando os manifestantes e tratando-os basicamente como baderneiros e vândalos.

Figura 1- Compartilhamento de Daniela em 15 jun. 2013



Fonte: Facebook de Daniela

É válido ressaltar também o papel desempenhado pelas rotas alternativas de consumo de informações que a *internet* propicia. Em outros tempos de hegemonia dos

meios de comunicação de massa, quando apenas um emissor falava para muitos, quando se controlavam os enunciados, os discursos e as imagens que circulavam e chegavam até o público, dificilmente conteúdos comprometedores ou subversivos massificavam-se. Hoje, com a ampliação das trajetórias de consumo e circulação através da *internet*, imagens como a compartilhada por Daniela alcançam facilmente a esfera pública que consegue, além disso, colocá-la em circulação, como foi o caso. É a ideia de que a *internet* proporciona a dissolução das massas, subvertendo-as em multidões (MALINI; ANTOUN, 2013).

O mesmo ocorre com a postagem feita por Ronaldo (Figura 2 abaixo) questionando o discurso indutor veiculado pela cobertura midiática da Rede Globo ao denominar alguns grupos populares que protestavam nas ruas como “manifestantes radicais”. O questionamento mostra a preocupação de leitura discursiva do sujeito com relação aos modos como a mídia trata o fato social. Assim, a postagem completa, com os comentários dos amigos dele na rede, aponta como a produção de conteúdo e as interações comunicativas estabelecidas na rede podem ser emancipadoras em relação a uma cultura midiática alienante.

Figura 2 - Postagem de Ronaldo em 17 jun. 2013



Fonte: Facebook de Ronaldo

Como afirmam Malini e Antoun (2013, p. 249), “as narrativas compartilhadas na Internet fazem parte de um movimento social que recusa a hierarquização de representantes e representados. [...] Recusa deixar para a mídia tradicional o poder de dizer o que pertence ou não ao acontecimento”. A falta de centralidade nas narrativas que se estruturam nas redes, da mesma maneira que em outros tempos e ainda hoje acontecem no boca a boca das ruas, ganham maiores proporções e vêm mostrando mais eficácia talvez devido a esse maior volume de trocas e de comunicação que a capacidade de conexão da *internet* possibilita.

A partir dos dados colhidos nas observações da pesquisa no Facebook, nos parece consolidar-se o conflito que se configurou nesse período de manifestações e de reivindicações sociais pelo Brasil. Uma mídia de massa que, apesar de render-se à cobertura dos protestos, a faz de acordo com os seus interesses e ao seu modo discursivo, com a fragmentação dos recortes audiovisuais que lhe são pertinentes política e comercialmente, ainda sob a lógica do espetáculo. Do outro lado, as redes sociais que, através dos mecanismos fornecidos pelas plataformas em que funcionam, possibilitaram a produção e a circulação de conteúdos contextualizadores da complexidade que compõem os fenômenos e as instituições sociais, como a política, a economia e o esporte.

O conflito midiático, segundo Malini e Antoun (2013), ganhou algumas denominações. A que diz respeito aos usos intensivos das grandes corporações que geram impressões sobre determinadas realidades para grupos sociais específicos chama-se **guerra da informação**. A oposição comunicacional que ficou exposta neste caso das manifestações sociais de junho de 2013 no Brasil caracteriza também os embates político-sociais que se constituíram nesse contexto: a mídia considerada como enunciadora e suporte operacional da direita conservadora e a rede social como espaço de emissão e difusão dos discursos de resistência e subversão da esquerda revoltada.

Ao serem questionados sobre o papel que as redes sociais assumiram nas Jornadas de Junho, os sujeitos da pesquisa corroboraram a capacidade impulsionadora de circulação das redes, mas também apontaram elementos que podem ser problemáticos para a eficácia da ferramenta de comunicação.

Ronaldo: Eu fui em duas manifestações aqui em Florianópolis, mas assim, a gente via que uma pessoa lá no Norte do Brasil criava uma frase e daí uma pessoa aqui de Florianópolis vai, pega aquela frase e usa ela também, uma coisa que era legal, a gente via fotos, frases, via coisas que animavam, sabe? Não era aquela coisa bagunceira, não era por qualquer coisa.

Kauê: Eu acho que assim, tem os prós e os contras das redes sociais. Acho que como ela pode... como ela influenciou na divulgação, por ser um espaço muito acessado, ela se amplia muito rápido, aí a questão do número de pessoas nas ruas se deu muito pela questão da divulgação via, principalmente, Facebook. Mas acho que tem os contras também que é a questão dessa divisão que teve [...]. A questão do apartidarismo e do nacionalismo se deu muito por algumas intervenções nesses eventos que eram criados para divulgar e que geravam um debate ali, mas nesse debate o senso comum sempre acaba sobressaindo e acho que foi um reflexo dessa influência da rede social.

Amanda: Eu acho que se por um lado tem essa coisa positiva que se materializou nas manifestações, que é a força que as redes sociais têm de mobilizar as pessoas, por outro, eu acho que o ponto negativo me parece que esse tipo de dispositivo são... a rapidez que ali as coisas no mundo virtual acontecem, então você vê um termo lá, 'O gigante acordou', aquilo ali aparece assim naquela coisa de atualizações lá, uma série de amigos seus usam aquele termo e num segundo momento, não muito distante desse primeiro, as pessoas já começam a criticar, mas como assim né? Que não é mais gigante. Então eu acho perigoso [sic] essa rapidez, não nos estimula a pensar realmente sobre cada discurso e que nos faz de alguma maneira aderir-los sem muita compreensão.

A argumentação dos sujeitos segue a mesma linha de entendimento sobre a força das redes sociais como espaço mobilizador de multidões em prol de uma mesma causa ou de luta por interesses que convergem, mas Kauê e Amanda chamam a atenção para a intensidade do fluxo de circulação e de atualização de *status* na rede, o que para eles acaba por fragilizar as informações e os conteúdos dessas discussões que acontecem *online*. Eles fazem a ressalva de que a celeridade demandada por essas plataformas de comunicação nos ambientes virtuais restringe o momento de reflexão dos sujeitos que acompanham as *timelines* em tempo real.

A comunicação nas redes seria, portanto, conforme discutido por Malini e Antoun (2013), **comunidades de araque** nas quais circulam muito mais assuntos de interesses transnacionais e transculturais, o que acaba provocando o declínio do capital social e o desengajamento cívico. Para os autores, dessa maneira, estaríamos agora ameaçados não só pela devastação

desenvolvimentista do modelo político e econômico a que estamos submetidos, mas também pela inanição preservacionista.

Dos pontos problemáticos apontados pelos sujeitos acerca das redes sociais, fica o indicativo de que nessa lógica de excesso de produção e de circulação virtual preconiza-se, na maioria das vezes, muito mais a repercussão das interações realizadas na *internet* do que propriamente o conteúdo que foi veiculado nas páginas pessoais dos sujeitos.

Isto posto, solicitamos que os interlocutores do estudo identificassem os possíveis legados que o acontecimento paralelo dos megaeventos esportivos com as manifestações sociais e todo esse movimento cidadão nas redes sociais poderiam deixar para a Educação Física.

Kauê: Então, eu acho que o maior legado que deixou foi a questão de quebrar essa barreira de preconceito com manifestação e ir à rua reivindicar o direito. Na Educação Física, não sei. Acho que na Educação Física também... na Educação não sei fazer relação.

Amanda: Primeiro eu acho que uma atenção mais apurada do posicionamento da mídia, como eu disse anteriormente, ficou bem claro me parece. Para a Educação Física eu não sei, acho que ela... é um âmbito muito específico talvez, talvez a própria, os próprios integrantes da área pudessem ter tido um posicionamento mais firme acerca do que no âmbito profissional quer de modificação, aproveitando, puxando o peixe pro nosso lado, não sei, eu não vi isso, entende? Não sei se pra Educação Física vai haver modificações significativas.

Pelo que é possível observar, eles conseguem visualizar pontos complexos da novidade causada pelo fator imprevisível do acontecimento da mobilização nacional, como, por exemplo, a superação da discriminação sobre os movimentos sociais no Brasil e a cautela que se deve ter com a flexibilidade tendenciosa do discurso midiático nesses momentos de tensão social como o ocorrido, mas nada disso pode ser associado à especificidade da Educação Física, na visão deles.

Mesmo tendo mostrado compreensões críticas do modo como o discurso midiático se constituiu no contexto da cobertura das manifestações sociais, percebendo nuances da tendência ao espetáculo que os veículos de mídia se inclinam até mesmo ao cobrir um movimento popular de caráter reivindicatório, pareceu faltar aos interlocutores da pesquisa a capacidade de compreender o fenômeno de maneira ampliada, relacionando-o com outras instâncias sociais, sobretudo ao campo acadêmico e profissional em que estão inseridos.

Nesse momento, parece que todo o discurso crítico de análise da mídia e de entendimento dos modos como as redes sociais podem contribuir e atrapalhar o processo de mobilização das multidões está desvinculado de um objetivo norteador, como a luta pela cidadania. As posições subversivas, contrárias ao pensamento hegemônico de alienação das massas, que antes foram proferidas pelos próprios sujeitos da pesquisa, diante das afirmações supracitadas, se perdem na demanda preconcepiva pela materialidade dos conteúdos tradicionais para a área. Essa mudança brusca de posicionamento, ou da ausência final dele, nos provoca a pensar que esse distanciamento entre a prática pedagógica e o exercício da cidadania remonta à dicotomia histórica da área entre teoria e prática, onde se concebe um **ativismo prático**, mas se abstrai o **inativismo teórico**, reforçando o **ainda não** da Educação Física Escolar (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, 2010).

González e Fensterseifer (2010) consideram que a Educação Física pouco tem sido pensada dentro de um projeto educacional que seja idealizado para uma **leitura de mundo**. Os

autores ressaltam que, assim, a prática da Educação Física na escola ainda está distante de ser um componente curricular no sentido de matéria escolar como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Portanto, apresenta-se uma perspectiva que indica a dificuldade do desafio que está posto à Educação Física Escolar e aos sujeitos que compõem o seu universo nas dimensões do processo de ensino-aprendizagem e da prática pedagógica que lhes são concernentes. Questão que se torna complexa, sobretudo, pela necessidade apontada por González e Fensterseifer (2009, 2010) em conhecer os contextos de atuação educacional, no caso a escola, e as responsabilidades socialmente atribuídas a ela como instituição republicana.

Diante disso, a dificuldade dos sujeitos em ter uma posição bem definida acerca da concepção que referencia a prática pedagógica a ser pensada para a Educação Física Escolar deixa indicativos de certa fragilidade no próprio processo formativo dos futuros professores e assim, de maneira geral, reporta a um problema histórico da área que, segundo Santin (2001), constitui-se como uma **prática em busca de uma teoria**.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS...

O intuito deste trabalho foi de tentar identificar as maneiras como professores de Educação Física em formação inicial atribuem significado ao discurso midiático-esportivo no âmbito da convergência digital, sobretudo, neste caso, com o recorte voltado para a conjuntura das manifestações sociais ocorridas em junho de 2013, no Brasil, que tinham a Copa das Confederações como pano de fundo. Procuramos apresentar aqui, a partir dos dados colhidos na pesquisa, pistas/indícios dos modos como os sujeitos podem se relacionar com o discurso da mídia fazendo a leitura de um fenômeno atual que ainda movimenta a sociedade brasileira, como as manifestações sociais.

Através do que foi visto no contexto em que a pesquisa se desenvolveu, podemos perceber que aquela perspectiva da seleção de futebol como um objeto de alienação do povo brasileiro é uma concepção que dificilmente pode ser determinada e confirmada. Sem a intenção de fazer qualquer tipo de generalização da situação e dos participantes da pesquisa para a sociedade como um todo, mas o olhar desviado pelos sujeitos à análise dos modos como ocorreu a movimentação dos discursos da mídia e dos discursos que circularam nas redes sociais demonstra como o fato de ser apaixonado por futebol e pela seleção não necessariamente impede de se ter uma posição crítica no que diz respeito às demais questões sociais. Embora fique claro este “descolamento” entre seleção e política, por outro lado, as coisas lentamente acalmaram após a conquista do título.

Apesar disso, é importante considerar também a dificuldade que os interlocutores demonstraram para identificar o objetivo central e mobilizador das manifestações sociais, mesmo apresentando a perspectiva crítica inicialmente. Entender o significado e a centralidade da luta pela cidadania nesse contexto, principalmente relacioná-la com a prática pedagógica da Educação Física, pareceu um tanto abstrato para eles.

Desse modo, com o cuidado de não assumir o determinismo científico, destacamos a necessidade de não subsumir a capacidade crítica e reflexiva dos sujeitos diante dos significados a serem atribuídos ao discurso midiático, sobretudo quando se relaciona ao futebol e à seleção do nosso país. Porém, parece necessário desviarmos o olhar preocupado para a

superficialidade com que a formação para a cidadania tem sido desenvolvida e a amplitude em que ela está sendo relacionada com as diversas instâncias sociais, assim como foi o caso da Educação Física neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Scheila Espíndola. **O “País do futebol na Copa do Mundo”**: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares. 2007; 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BITENCOURT, Fernando. Esboço sobre algumas implicações do futebol e da Copa do Mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 173-189, maio 2009.
- COSTA, Martha Benevides da Costa; LEIRO, Augusto César Rios. Texto televisivo e educação infantil: conhecimento cotidiano e trabalho pedagógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 121-135, jan. 2010.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, p. 9-24, set. 2009.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, p. 10-21, mar. 2010.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- JACKS, Nilda. **Querência**: cultura regional como mediação simbólica, um estudo de recepção. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LISBOA, Mariana Mendonça. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças**. 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilizações nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MEZZARROBA, Cristiano. **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo**: um estudo de recepção com escolares. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- PIRES, Giovani de Lorenzi. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002. (Coleção Educação Física).
- SANTIN, Silvino. **Educação Física**: temas pedagógicos. Porto Alegre: Est, 2001.
- SILVA, Cinthia Lopes; DAOLIO, Jocimar. Experiência pedagógica: análise de anúncios publicitários junto a estudantes de Educação Física Portugueses. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 449-457, abr./jun. 2009.
- Apoio**: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).